



Evento	Salão UFRGS 2018: SIC - XXX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2018
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	As produções gráficas das crianças acompanhadas pela AP3: quais os enlaces possíveis?
Autor	LUÍSA PELLEGRINI COMERLATO
Orientador	ANDREA GABRIELA FERRARI

Título: As produções gráficas das crianças acompanhadas pela AP3: quais os enlaces possíveis?

Orientadora: Andrea Gabriela Ferrari (UFRGS)

Autora: Luísa Pellegrini Comerlato (UFRGS)

O presente trabalho é parte das atividades realizadas no Núcleo de Estudos em Psicanálise e Infâncias (NEPIs) do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nos anos de 2014 e 2015, os integrantes do NEPIs realizaram uma atividade de pesquisa-intervenção com base na metodologia dos Indicadores de Risco para o Desenvolvimento Infantil (IRDI) em que foram acompanhados, em berçários de escolas de educação infantil de Porto Alegre, bebês que tinham de 0 a 18 meses. Dando prosseguimento ao projeto, em 2016 e 2017, foi realizada a pesquisa Avaliação Psicanalítica aos 3 anos (AP3) de crianças acompanhadas pela Metodologia IRDI. A AP3 permitiu a continuidade do acompanhamento das crianças, possibilitando assim uma avaliação das intervenções realizadas na pesquisa anterior pela metodologia IRDI, assim como uma leitura das manifestações da criança sinalizando em que momento constitutivo elas se encontram. Desta forma, permitiu tanto identificar potencialidades e problemáticas da metodologia IRDI, como indicar o devido encaminhamento às crianças que estavam apresentando sinais de sofrimento psíquico. Como um segundo objetivo do projeto, a AP3 possibilitou ampliar o estudo das manifestações da infância na cena contemporânea. Esta avaliação foi realizada por um trio de pesquisadores, e se desdobrou em quatro momentos, um de entrevista com a educadora e três com a criança: 1) observação com os colegas e professores em sala de aula; 2) criação de vínculo com a criança, em sala de aula; 3) momento individual com a criança, em que ficou disponível uma caixa de brinquedos e material gráfico. Nesse terceiro momento, a criança era convidada a brincar e a desenhar, uma vez que partimos do pressuposto que as manifestações da infância não se dão apenas através da fala, mas sim também por outros meios como brincadeiras, desenhos, modelagens. Além disso, especificamente, sobre as produções gráficas - das quais se ocupa esse trabalho -, com as bases teóricas da psicanálise entende-se que são meios do sujeito de representar sua imagem inconsciente do corpo, ou seja, forma de expressão dinâmica das inscrições libidinais (DOLTO, 1984). As avaliações foram discutidas no grupo do NEPIs e nesses debates percebeu-se que, de forma geral, as crianças pouco utilizavam o material gráfico, além do que quando o faziam - por solicitação do pesquisador avaliador ou espontaneamente - essas produções pareciam carentes de recursos. Por vezes, enquanto nas brincadeiras se produziam narrativas simbólicas, os desenhos possuíam traços mais próximos a garatujas, do que a formas. Por conta disso, passamos a nos perguntar quais as questões que inibiram ou impossibilitaram tal tipo de produção durante as avaliações. Tendo como ponto de partida esse questionamento, o estudo em questão pretende, a partir da análise dos desenhos das crianças da AP3 e de um apanhado teórico sobre o desenhar – enquanto recurso de constituição psíquica e também como ferramenta na clínica com crianças –, debater quais os possíveis entraves que dificultaram as produções gráficas. Como hipóteses consideramos o contexto das escolas, nas quais as propostas pedagógicas com material gráfico eram, de forma geral, bastante diretivos, quase sem momentos de desenho livre. Além disso, também percebeu-se que durante as avaliações o lugar dado às produções pelo desenho era menos investido do que o do brincar, enquanto, nas brincadeiras, era possível que o avaliador dar uma sustentação inicial, o mesmo não ocorria com o grafismo. Desta forma, é possível que se discuta quais as possibilidades do trabalho com o desenho na atual conjuntura, assim como as resistências que enfrenta na perspectiva teórica psicoanalítica.

Referências:

DOLTO, Françoise (1984). Personalogia e Imagem do Corpo. In _____. No jogo do desejo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.